

DIOGO-CÃO

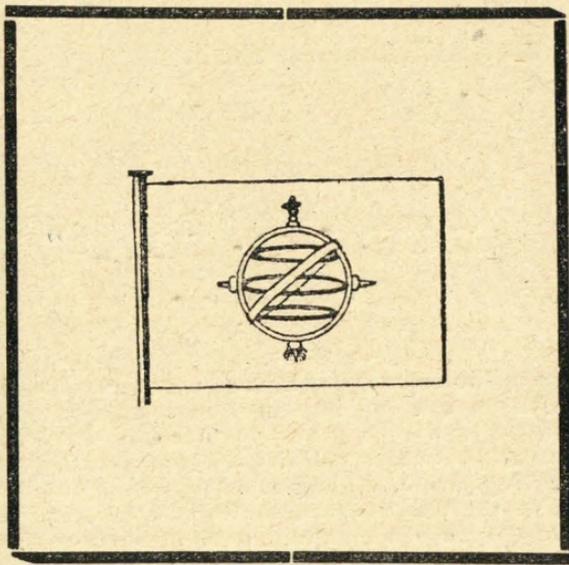
REVISTA ILUSTRADA DE ASSÚNTOS HISTÓRICOS
(Com tôdas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

PADRE MANUEL RUELA POMBO

(Missionário secular português e antiquário amador)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



SUMÁRIO:

*As inscrições de IELALA e a política indígena de Diogo
Caão—A Fortaleza de Sam-Francisco do Penedo, em
Luanda—Os governadores: Furtado de Mendça
e Rodrigues Coutinho - História Eclesiástica—
A revolução de 1640 - Arquivo Municipal
de Luanda—Azeite e vinho de palma*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1932

AGENTE:

AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 327

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—MINERVA, na Travessa da Sé

—A LUSITANA, na Avenida Salvador Correia

Preço de cada número avulso.....	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

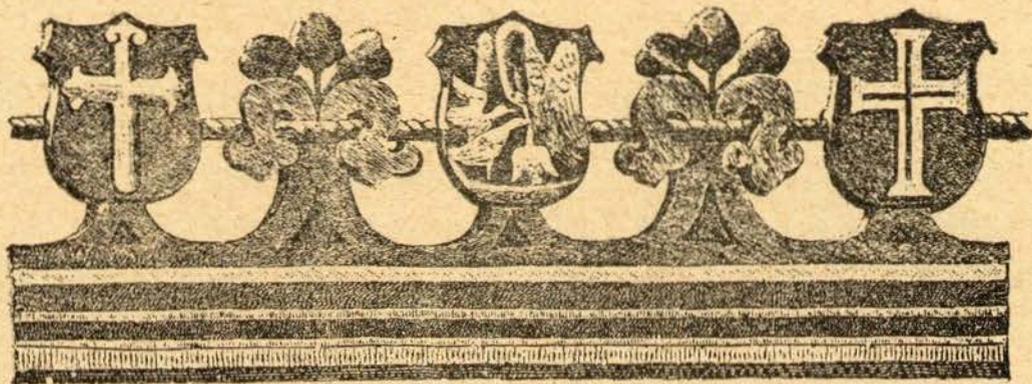
“DIOGO-CÃO”

(Continuação)

5.)

Conseguiu, finalmente, publicar a sua revista *Diogo-Cão* o sr. Padre Ruela, que, na imprensa de Angola, criou justamente um nome respeitado pelo profundo interesse que lhe merecem todos os assuntos que se relacionam com a velha e desprezada história de Angola. O sr. Padre Ruela conseguiu, finalmente e felizmente, vencer todos os obstáculos que, há cerca de dois anos, tem encontrado no seu caminho para iniciar a publicação desta excelente revista, cujo aparecimento saúdamos com a maior satisfação e com os nossos votos de maiores prosperidades. É uma publicação cheia de interesse e de valor que amplamente merece o favor público e a mais larga divulgação.

(De—*O Lubito*—de 26 de Março de 1932).



OS PORTUGUESES EM ANGOLA

I

DIOGO CÃO

—... subindo o curso navegável do Zaire até às cataratas de Ielala, em cujos rochedos faz esculpir uma legenda, como documento indelével da empresa que lhe incumbira dom João II...

Quirino da Fonseca

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 100)

DE VEMOS, ANTES DE PROSEGUIR, DIZER AQUI ALGUMA coisa, que sabemos, das inscrições portuguesas das pedras de *Ielala*.

O ex.^{mo} e rev.^{mo} mr. dr. ALVES DA CÚNHA tem um belo quadro, da medida 55×42, com a legenda; muito nítida, o qual lhe foi oferecido pelo sr. comandante Aragão e Melo.

Aqui damos uma cópia fotográfica.

No livro belga—*Études Bakongo*—do rev.^{do} padre Van Wing, S. J., missionário de Kisantu, edição de Bruxelas, 1921, à página 35; está a seguinte nota:

—*C'est à ce second voyage de Diego Cão que se rapporte l'inscription, trouvée par Domenjos sur un rocher à l'embouchure de la Mpozo: «Aqui chegaram os navios do esclarecido Rei Dom João o segundo de Portugal. D.^o Cão»...*

O nosso falecido amigo almirante Ernesto de Vasconcelos, na segunda edição, 1903 do seu precioso livro—*As Colónias Portuguesas*—dá à página 113 este trecho:

—Esta série de cataratas termina a jusante, pelas célebres quedas de IELALA, no prolongamento da Serra-Comprida, e, sobre as quais, mãos portuguesas gravaram em um rochedo as armas de Portugal como a confirmarem ao mundo a posse indicada por outro padrão, não menos glorioso, colocado pelo descobridor na foz do magestoso rio.

Se o acaso ou a malvadez pôde destruir o padrão de Diogo Cão, apagando o testemunho da audácia e arrôjo dos marinheiros portugueses, lá ficou, ao fundo, a 185 quilómetros da costa, bem alto numa fraga, nova prova, indelével, do génio português.—

Este mesmo trecho vem na terceira edição, 1921, à página 303.

No seu livro—*Normas económicas na Colonização Portuguesa até 1808*—o também nosso amigo e falecido almirante Vicente Almeida de Eça, 1921, à página 84, tem as seguintes linhas:

—...pois que a navegação do Congo é interceptada, a breve distância da costa, pelas cataratas de IELALA; a elas chegou Diogo Cão e, nos pedregulhos de uma das margens, mandou gravar a famosa inscrição e... não avançou mais.

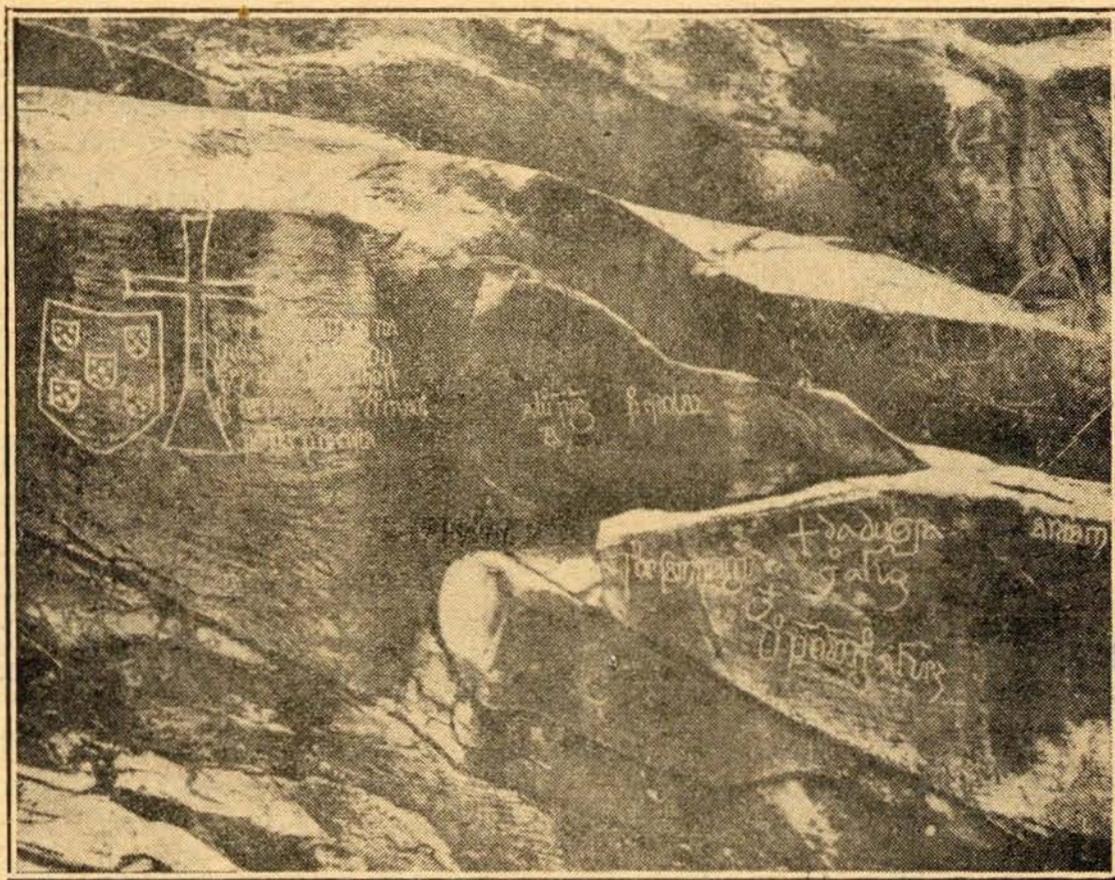
No número 17, Novembro de 1926, do importante *Boletim da Agência Geral das Colónias*, à página 64, o engenheiro e chefe de Repartição no Ministério-das-Colónias sr. dr. José Emílio dos Santos dá esta informação mui interessante e curiosa:

—Nas primeiras cachoeiras do rio Zaire, margem esquerda, no ponto conhecido pela Catarata IELALA, a 160 quilómetros da foz, existe uma inscrição (Padrão) gravada na rocha e que diz: Aqy chegaram os navios do esclarecydo Rey don Joam ho seg.º de Portugal: d.º Caão P.º ãns P.º da Costa.—Ao lado está o escudo de Portugal e uma Cruz; e mais abaixo; nomes doutros mareantes que acompanharam a expedição: Alu.º Pys P.º escobar. Num rochedo um pouco à frente destes: J.º de Santyago da doensa, antam, g.º Alviz, d.º pero g.º alvez.

O sr. dr. Afonso de Dornelas, que é um epigrafista sábio, reconstruiu assim esta legenda: *Aqui chegaram os navios do esclarecido Rei dom João II de Portugal, Diogo Caão, Pedro Anes, Pedro da Costa, Alvaro Pires, Pedro Escobar, João de Santiago, morto de doença, Antão, Diogo Pedro, Gonçalo Alves.*

A respeito das inscrições das pedras de IELALA, é só isto o que nós temos, ao presente, nos nossos apontamentos históricos angolanos, que estamos noite e dia e sempre a aumentar...

O sr. comandante Quirino da Fonseca às páginas 131 e 146 do seu gostoso livro—*Os Portugueses no Mar*—também é de opi-



As inscrições de **IELALA**

nião que parte das inscrições são do tempo da segunda viagem de Diogo Cão e outra parte do tempo da expedição de Rui de Sousa.

Nótas Geográficas

I).—Deixámos escrito, à página 98, que não sabíamos: se o II Visconde-de-Santarém, como prometera, chegou a fazer a análise ou estudo do Mapa-Mundi de Martello, que é de 1489?

Na verdade, às páginas 112 e 113 do I volume dos *Estudos de Cartografia Antiga*, vem ou está um verbete, que trata do assunto, embora incompletamente. Nas páginas 121 e 122 encontra-se outro verbete relativo a uma carta geográfica de 1496, e ali faz-se referência.. à morte (?) do navegador Diogo Caão.

II).—O sr. Dr. Jordão de Freitas, depois de ter feito um exame criterioso à correspondência oficial do II Visconde-de-Santarém, conseguiu averiguar e provar que êste planeou a publicação de três edições distintas do seu Atlas:

a)—Atlas de 1841, apenas começado. Tinha os títulos das pé-
ças ou dos monumentos geográficos em português. Era destinado
à *Memória sobre a prioridade...*, que foi publicada para ilustração
da *Crónica do descobrimento e conquista de Guiné*, por Zurara,

b)—Atlas de 1842, que compete às *Recherches sur la priorité*
...; e

c)—Atlas de 1849, que corresponde ao estudo *Essai...*, cujo
primeiro volume foi publicado também em 1849, em substituição
da prometida continuação das *Recherches...*

III).—O II Visconde-de-Santarém não pôde, como desejava, (e
embora já tivesse muitos elementos verbetados), publicar os volu-
mes IV, V e VI da sua obra *Essai...*

Num officio para o ministro-dos-estranjeiros António Aluísio
Jarvis de Atougua, com data de 29 de Janeiro de 1853, escrevia
Santarém o seguinte:

—O volume IV da mesma obra (*Essai...*)—que encerra a parte
geográfica positiva e da hidrografia dos últimos séculos da Idade-Média,
e, portanto, a explicação e análise dos monumentos publicados na segunda
parte do Atlas,—está já todo redigido e pronto para o prelo. Durante o
mesmo período, que decorreu depois do meu último Relatório, reûni infi-
nitos materiais para os volumes V e VI, últimos desta obra.--

IV).—Com êstes salvâdos do espólio do II Visconde-de-San-
tarém, o seu neto III Visconde mandou publicar traduzidos em
português por Esteves Pereira, os dois volumes dos *Estudos de Car-
tografia Antiga*, em 1919 e 1920.

No I volume, vem o prefácio ou carta-memória do sr. Com.
Aires de Sá: para engraiçar assim tam imodestamente o seu valor,
não seria preciso escrever 258 páginas indigestas!!! . . .

A um outro massudo e confuso artigo do sr. Com. Aires de
Sá, que foi publicado às páginas 91-154 do volume VIII dos *Anais
das Bibliotecas e Arquivos*, deu uma resposta erudita e precisa o sr.
Dr. António Ferreira de Serpa, no diário de Lisboa—*O Século*—de
27 de Julho de 1929.

V).—Como está provado, o II Visconde-de-Santarém, por mais de uma vez, teve que alterar, na publicação das cartas, o seu programa: em 1909, o sr. Dr. Jordão de Freitas deu cõta de 4 sistemas para distribuir ou acomodar as estâmpas geográficas do Atlas de 1849.

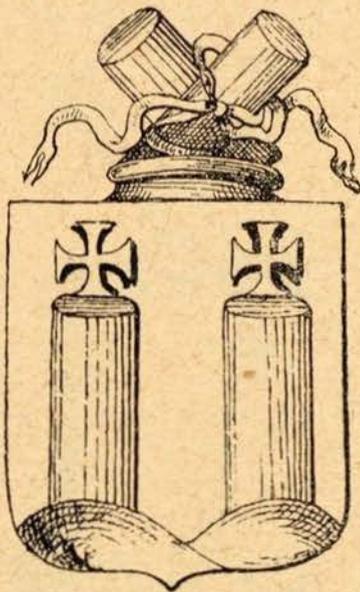
6—A política seguida por DIOGO CAÃO nas suas relações com os indígenas de Congo

DEPOIS DE TERMOS REFERIDO A HISTÓRIA E TAMBÉM A GEOGRAFIA das duas viagens de Diogo Caão por esta costa, abaixo e acima, de Angola, convem pôr em destáque a política ou diplomacia, que o navegador trasmontano, tam delicadamente, soube praticar com os indígenas.

Diogo Caão, logo que chegou ao Zaire, notou que *as muitas línguas* que trazia, nenhuma delas ou dêles entendia a linguagem dos mansos e pacíficos habitantes das margens do grande e caudaloso rio.

—*Por acenos se percebeu que tinham príncipe poderoso que habitava tantos dias de jornada por terra dentro...*

E como El-Rei lhe ordenava nas suas Instruções que procurasse ganhar a confiança daqueles Povos que encontrasse, a fim de os persuadir a abraçarem o Cristianismo e a estabelecerem algumas relações comerciais com os Portugueses, e ao mesmo tempo lhe pareceram homens pacíficos e de tam boa fé que vinham sem recêio a bordo dos navios, — escolheu alguns Portugueses inteligentes, pelos quais mandou ao Rei-de-Congo um presente. —



Brasão do navegador
Diogo Caão

7—A partida da primeira Embaixada Portuguesa

Continuemos a transcrever as páginas tam simples, mas tam próprias, do cronista Garcia de Rêsende:

—*Diogo Caão, por assegurar a gente da terra e lhe terem boa vontade, determinou de mandar ao Rei-de-Congo (Muenicongo), que*

estava longe pelo sertão, um presente, o qual lhe mandou por certos cristãos, de muitas coisas, desvariadas umas das outras, e lhe mandou dizer como a dita armáda era de El-Rei de Portugal, que com todo o mundo tinha paz e amizade. E, por lhe dizerem quam grande Rei êle era, desejando de a ter com êle, e muita prestança e trato, o mandava buscar, e dizendo-lhe logo o proveito e hõnra que aos seus e à sua terra de aí lhe poderiam vir.

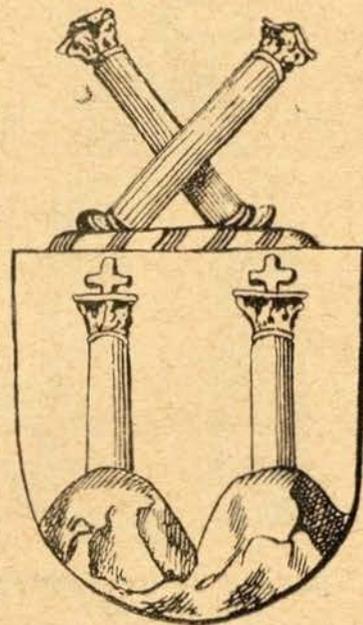
8—A solene recepção dos cristãos portugueses na banza de El-Rei de Congo

Os quais cristãos com o presente chegaram ao Rei e foram dêle recebidos com muita hõnra, muito prazer e alegria, e espâto, e muito bem agasalhados, e folgou tanto de os ver e preguntar-lhes por as coisas de cá, que os não podia despedir de si e deixá-los tornar à frota...

Como já ficou dito, Diogo Cão nesta primeira viagem, enquanto a Embaixada foi cumprimentar Muenicongo, descobriu a costa até o cabo de Santa-Maria, onde deixou plantado o seu segundo Padrão-de-Santo-Agostinho

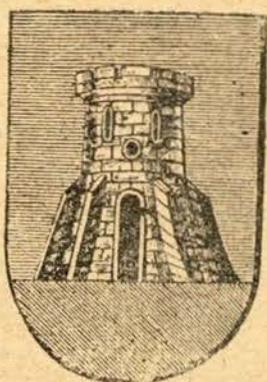
Voltou pelo Zaire, para receber a Embaixada.

...e, pela muita tardança, pareceu-lhe que deviam ser cativos ou mortos; e vendo que os pretos da terra se fiavam dêle e entravam já nos navios, determinou não esperar os cristãos que mandava e partir-se com alguns daqueles pretos, e assim o fez. Porque os que primeiro se fiaram e vieram à frota, acolhe-os dentro e não os deixou mais sair à terra e se veio com êles para Portugal, não nos trazendo como cativos, mas com fundamento que, depois de aprenderem a língua e costumes nossos e a tenção de El-Rei, tornariam a Muenicongo, e por êles se poderia bem saber tudo o que cumprisse de uma parte e da outra porque lhe pareceu que doutra maneira não podia ser; e, antes que Diogo Cão se partisse do pôrto do Zaire, o certificou assim às gentes da terra e prometeu que, antes de passarem tantas luas, que é do modo em que êles contam os tempos, com a ajuda de DEUS tornaria aquelles, que levava, ali donde os tomara, vivos e sãos com muita hõnra e riqueza, e com isto segurou, todo aquele tempo, a vida dos cristãos, que tinha mandado ao Rei-de-Congo, o qual tomou, por isso, sentimento, havendo tudo por mentira e determinando que, passado o tempo, se não viessem, mandaria matar os cristãos que lá ficaram. E, conquanto dantes folgava muito com êles, depois não nos quis mais ver.



Outra variante do brasão de Diogo Cão

(Continua)



AS FORTALEZAS DE LUANDA

II

A Fortaleza do Penedo

SAM-FRANCISCO

(SEGUNDO ORAGO)

No tempo do Governador Manuel de Almeida e Vasconcelos,
reparou-se e aformoseou-se a fortaleza do Penedo

LOPES DE LÍMA

(Continuação da pág. 106)

*Para o Exmo. Senhor Francisco Xavier de Mendonça,
com a PLANTA de reedificação do Fôrte-do-Pe-
nedo, registo desta Marinha e única defesa da
Bárta :*

Il.^{me} e Ex.^{mo} Senhor:



NCLUSA TEM V. EX.CIA A PLANTA DA REEDIFICAÇÃO QUE fiz ao fôrte do Penedo, registo desta marinha e única defesa da bárta, óbta sumamente necessária e que, na verdade, excede a possibilidade de Angola, porque, ao emprender, me achava sem um só oficial de pedreiro capaz, sem uma alavanca com que movesse as pedras, sem um marrão com que as quebrasse.

Uma justa actividade, a que o Povo attribue a primeira e segunda doença de que acabo de saír, venceu êste grande impossível no pequeno espaço de seis meses, em que estava concluída a primeira bateria, vai tudo feito com segurança de que é capaz a prudência humana e parece que a natureza riscou as

defensas, porque todos os lados, segundo a necessidade da sua extensão, são apoiados a grossos penedos nativos, que inteiramente a seguram.

Eu necessitava fazer à V. Ex.^{cia} uma mais longa relação de tôdas as circunstâncias, que devem chegar à presença de sua Majestade, assim como também da pequena, incrível, despesa que tem custado, porém a debilidade em que me puseram as febres de Angola, me embaraçam uma mais comprida relação e só posso dizer à V. Ex.^{cia} que segurei bastantemente a Cidade de insultos e de contrabandos, com esta óbra.

É necessário que V. Ex.^{cia} a arme, porque cá não há com quê, sendo que as peças, que servem a outras defensas, não têm as munições de correspondente, e tudo está em uma grande confusão, a qual comprehende Benguela, exausta de tudo, como já disse à Vossa Ex.^{cia}.

Igualmente remeto à V. Ex.^{cia} outra plânta do novo TERREIRO, o qual, não admitindo demóras—porque as casas, em que está, depois de consumirem duzentos mil réis de aluguer, não soffrendo o pêso, ameaçam ruína e foi preciso ir dividir por outras e deixar na Barra-do-Quanza muita farinha,—obrigou a Câmara a buscar dinheiro emprestado para reconstruir, o que assim deixo fazer por ser conforme à ordem de sua Majestade, de 15 de Janeiro dêste ano; e, porque a experiência da fraude dos Pretos nas descargas dos barcos fez ver que era precisa uma igual cautela no interior e exterior dêle, preferi esta segunda idea de risco diferente do primeiro, que remeti à V. Ex.^{cia} logo que cheguei.

Queira V. Ex.^{cia} fazer-me a hõra de beijar em meu nome a Real Mão de sua Majestade.—DEUS guarde à V. Ex.^{cia} muitos anos.—Sam-Paulo da Assunção, a 24 de Dezembro de 1764.—DOM FRANCISCO INOCÊNCIO DE SOUSA COUTINHO.

(Arquivo da antiga Secretaria-Geral. Livro já referido 64 ou 77. Officio n. 57).

Felizmente, os livros que tratam do governador dom Francisco Inocêncio, estão ainda em bom estado de conservação. Para nós, êste é o maior governador de Angola, pela actividade que executou em todos os serviços.

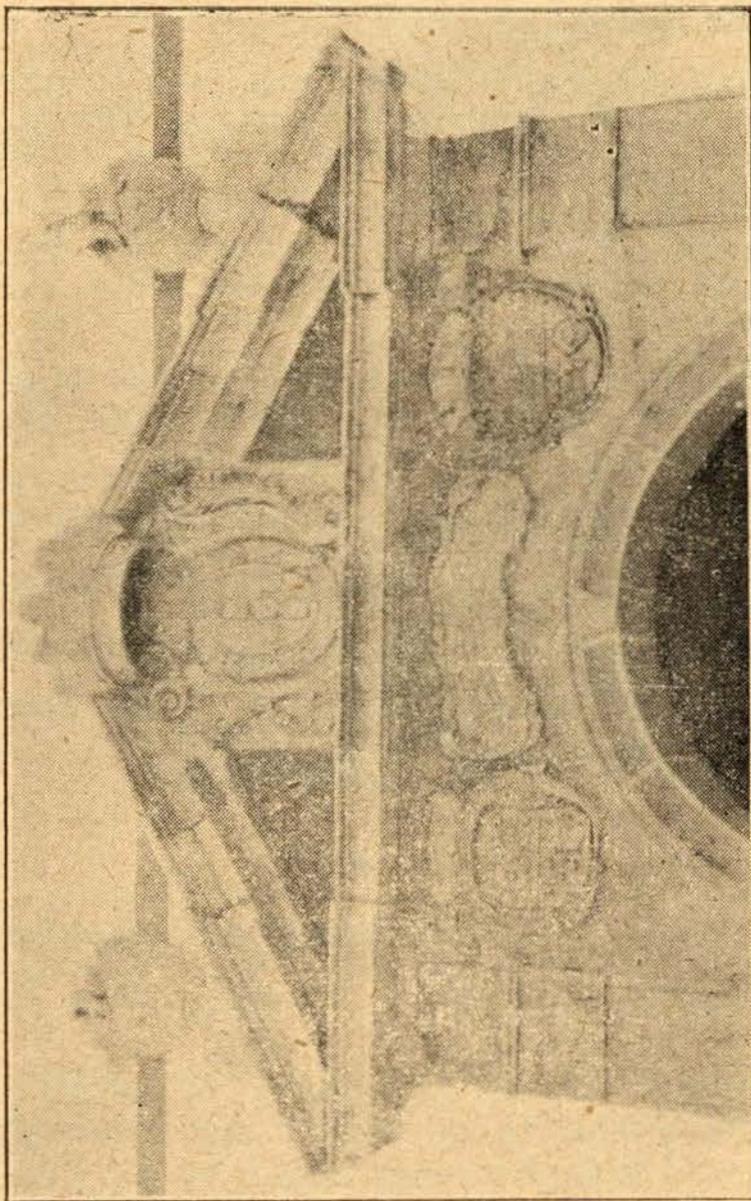
O referido Documento dá noticia também do Terreiro-Público, assunto que havemos de tratar noutra ocasião.

5—No tempo do gov. Manuel de Almeida e Vasconcelos

VAI para cinco anos que, devidamente autorizado, fizemos a nossa visita de estudo à fortaleza do Penedo; as notas, que tomámos e aqui temos na nossa frente, porque, dias depois ou semanas, não as compusemos, são agora para nós verdadeiras... charadas, que não somos capazes de decifrar ou perceber.

Certamente, a notícia da reforma ou aformoseamento, que o governador Manuel de Almeida e Vasconcelos mandou executar na fortaleza do Penedo, deve constar nos livros da antiga Secretaria-Geral de Angola; no parágrafo a seguir, vamos dar um documento também relativo a este governador e com a data de 1793.

Havemos de, um dia, repetir a nossa visita e depois diremos melhor, isto-é, faremos uma descrição arqueológica mais completa ou precisa.



Opórtico de cantaria existente na fortaleza do Penedo

—O gov. Manuel de Almeida e Vasconcelos reedificou a fortaleza do Penedo, construindo-lhe o magnífico pórtico de cantaria, com as A'rmas-Reais em cima, as de dom Francisco Inocência de Sousa Coutinho à direita, e as suas à esquerda, e no centro está gravada a seguinte inscrição, em língua latina:

Tempus et unda vorax istam, quam cernitis, arcem, jam prope collapsam, sustinuerunt: Sousae et Almeida e primi debentur honores. Fulget, nunc, hostile tempus et undae tremunt.—1793.

TRADUÇÃO:—O tempo e a onda voraz conservaram esta fortaleza que vêdes já quasi arruinada. A Sousa e Almeida são devidas as primeiras hõnas. Agora brilha o tempo hostile e as ondas tremem.—

Em frente da entrada d'este pórtico, na muralha da bateria superior e por baixo das armas de Sousa Coutinho, vê-se uma lápide com a seguinte inscrição:

*Êste fórte, que vês, foi levantado
Por Sousa illustre, na memória eterno,
E pelo grande Almeida consumado,
No quinto ano de seu feliz govérno.*

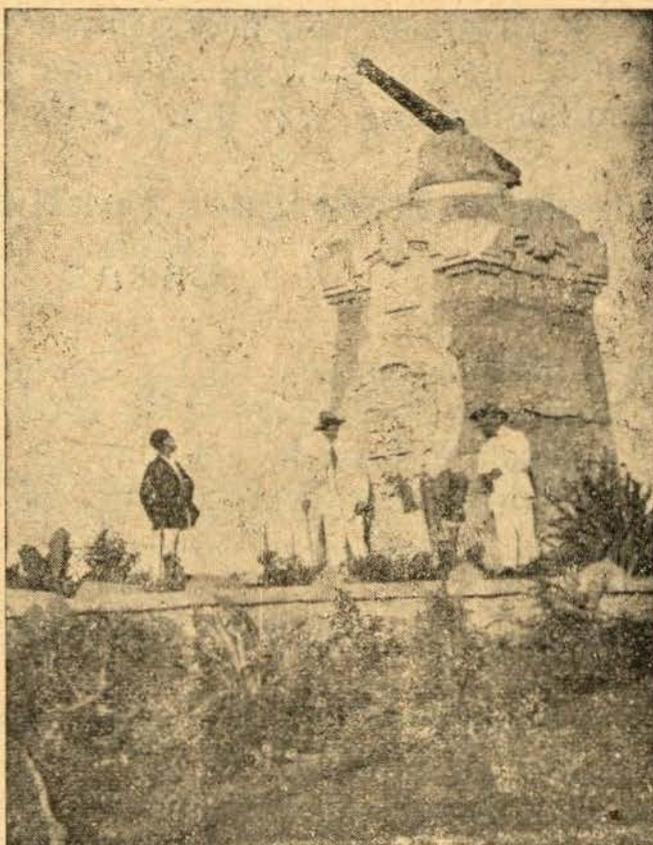
1795

(Continua)

Efemérides Provinciais

CALÁLOGO OU
LISTA DOS GO-
VERNADORES
DE ANGOLA
COM AS RESPECTI-
VAS PRÓVAS

Pelo sr. prof.
Delgado



(Cont. da pág. 108)

(Canhão histórico)

VI—João Furtado de Mendoça

DÁTAS:



A patente do governador JOÃO FURTADO DE MENDOÇA tem a data de 18 de Outubro de 1593 e é tal e qual como a de dom Francisco de Almeida.

Parece-me que chegou à Luanda no dia primeiro de Agosto de 1594.

FONTES OU PRÓVAS

A patente do gov. Furtado de Mendoça está na Chan-

celaria de dom Filipe I, livro 32 e fôlha 51. E' de 18 de Outubro e não de 11, como diz Lopes de Líma, na p. XX.

A dáta da chegáda é dada pelo mesmo. Não achei ainda documento algum que confirme ou negue.

Os diversos Catálogos, impressos e manuscritos que consultei, trazem 1 de Agosto, mas tais catálogos não merecem confiança.

VII—João Rodrigues Coutinho

DÁTAS

A paténte do gov. JOÃO RODRIGUES COUTINHO tem a dáta de 30 de Janeiro de 1601 e por nove anos.

Chegou à Luanda em fins de 1601 ou princípios de 1602. Morreu em princípio de 1603, nas terras do soba Cafuxe.

FONTES OU PRÓVAS

A paténte do gov. Rodrigues Coutinho está na Chancelaria de dom Filipe II, livro 7 e fôlha 174.

Não lhe dá podêres maiores do que os dos seus antecessores, como afirma Lopes de Líma, na página XXI.

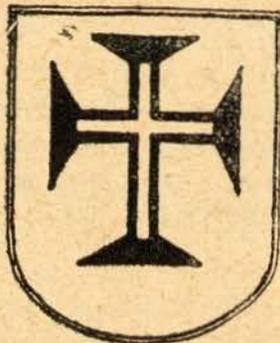
As dátas da sua chegáda à Luanda e da sua morte não são comprovadas por documento algum. Morreu no ano de 1603, não se sabendo nem o dia nem o mês.

Lisboa,

Janeiro de 1929

João Mathias Belgo

HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA



Missões & Missionários

—*Missionando, traficando, combatendo, fundando fortalezas, edificando igrejas ou estabelecendo feiras, os PORTUGUESES espalharam-se rapidamente pelo interior da A'frica Equatorial...*

Luciano Cordeiro

(Continuação da pág. 118 e Conclusão)



NO NÚMERO PASSADO TRANSCREVEMOS A PRIMEIRA informação de Manuel Caitano Lopes de Lavre.

Este Manuel Caitano de Lavre, em 1736, foi apontado pelo Cardial da Mota a el-rei d. João V para secretário; como diz Luís Teixeira de Sampaio, à página 13 do seu livro—*O Arquivo Histórico dos Negócios Estrangeiros*.

Continuemos... com a segunda informação.

2—Reino de Angola

A Igreja de Santa-Cruz de Sam-Salvador do Reino-de-Angola foi erecta em bispado no ano de 1596 pelo pápa Clemente VIII e foi até este tempo da jurisdição dos bispos de Sam-Tomé, de que se desmembrou, e foi o seu primeiro bispo dom frei Miguel Rangel, (com retrato na referida Galeria do palácio episcopal de Luanda).

Tem o bispado de Angola de congrua anual um conto de réis, entrando nesta quantia a despesa de seus provisor e vigário-geral, que certamente paga, ainda que se não faça expressa menção desta despesa na provisão que se lhe passa para o vencimento do conto de réis.

Não consta que os dois últimos bispos de Angola (dom frei Manuel de Santa Catarina e dom Luís Simões Brandão—sendo este o primeiro que nas suas provisões dexou de intitular-se Bispo de Congo-e-Angola, mas sim Bispo de Angola-e-Congo) não consta que tivessem ajuda de custo, mas que tam somente o empréstimo de 3:000 cruzados, adeantados a cada um, por conta de suas congruas.

O rendimento incerto deste bispado é tam diminuto que obrigou, alguns anos, o bispo a tomar para si os 80 mil réis que lhe são dados para esmólas e a aceitar dos pretendentes com indecência o que lhe ofereciam, de que resultavam murmurações, e ainda a reservar para si a provisória, ficando só com o vigário-geral.

Há naquele Reino um Convento de religiosos da Companhia-de-Jesus, outro de padres Carmelitas-Descalços, outro de Barbadinhos, italianos, e outro de Franciscanos de Nossa Senhora de -Jesus de Cardais.

Lisboa, 8 de Julho de 1738.

(a) *Manuel Caitano Lopes de Lavre.*

Se a memória não nos falha: vimos depois impressos estes dois documentos nos catálogos do dr. Eduardo de Castro e Almeida.

Além da publicação das biografias dos bispos de Angola; nesta nossa secção religiosa havemos de nos ocupar também ou referir aos frades franciscanos, aos lois, aos dominicanos, aos carmelitas, aos jesuítas e aos capuchinhos, com a merecida atenção.

No *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série VI, número 5 e páginas 274/304, vêem alguns documentos, com a data de 1799, relativos aos benefícios e ministérios Eclesiásticos do bispado de Angola, bem como a lista do Clero.

O officio junto do governador dom Miguel António de Melo traz ou dá muitas informações curiosissimas.

Em verdade, Lopes de Lima tem tóda a razão, quando disse que *a decadência do Cristianismo em Angola data exactamente da época da sua anexação espiritual ao Brasil.*

A 16 de Dezembro de 1819, o bíspo dom frei João Damasceno da Silva Póvoas publicou um Pastoral, em que determinava que o Clero do Bispádo de Angola-e-Congo, dali em deante, se devia regular pelo calendário (*folhinha*) do Rio-de-Janeiro.—(*Câm. Ecl. de Luanda, livro XVII, fôlhas 1 e 2*).

Por sua vez, a 31 de Janeiro de 1832, o arcediago Manuel Patrício Correia de Castro, Vigário-Capituler do Bispádo, publicou uma outra Carta-Pastoral, revogando a de 16 de Dez. de 1819, e ordenou que, na réza do Breviário e na celebração do santo sacrificio da Missa, se usasse a ordem geral do Breviário e Missal romanos das edições de Lisboa, com a *única diferença da festa de Santa-Cruz, a 3 de Maio, que neste Bispádo é de primeira classe, como titular que é d'êle...*—(*Câm. Ecl., livro citado, fl. 62*).

Além de outras razões canônicas que o arcediago Patrício Correia apresentava, cometia-se *a monstruosidade politica de se continuar a adoptar, neste Bispádo de Angola-e-Congo, um calendário de reino estrangeiro, como era o Brasil, independente desde 1822.*

VII—Angola volta para Lisboa

(Reinádo de dona Maria II)

Pela bula de Gregório XVI—*Quae olim*—de 13 de Janeiro de 1846, as dioceses de Sam-Tomé e Angola foram isentas da jurisdição da Baía e passaram a ser sufragâneas de Lisboa, como ainda hoje estão.—(*«FONTES» de Abranches, p. 228*).

Por iniciativa de Almeida Garrett, foi creado o Seminário de Luanda pelo Decreto de 23 de Julho de 1853.

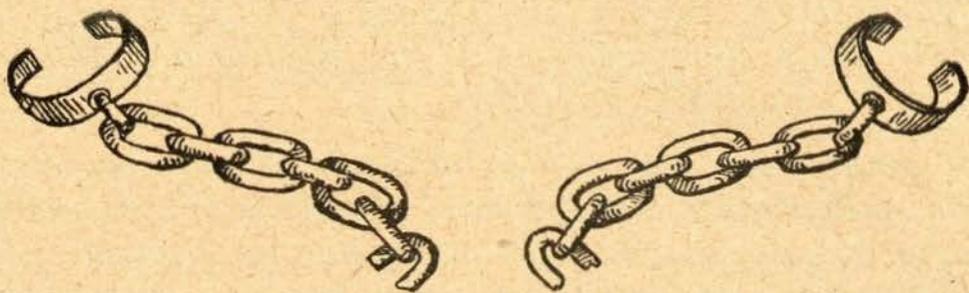
Por portaria de 7 de Outubro de 1882, foi transferido para a Missão da Huíla.

O bispo dom António Barbosa Leão fez regressar à séde de diocese o Seminário, em 1907.

Presídio de MUXIMA,

Agosto de 1931

ADVERTÊNCIA—No próximo número, vamos dar, nesta secção, a escritura do património da Igreja de Nossa Senhora do Cabo da Ilha-de-Luanda, documento do Arquivo da Câmara Municipal, com a data de 1669.
—P. R.



1640

PRIMEIRO DE DEZEMBRO

Os Holandeses contra os Portugueses

(Continuação da pág. 120)

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA MILITAR DO CONDOMÍNIO PORTUGUÊS

E HOLANDÊS EM ANGOLA

(1641-1648)

1—Da Espanha nem vento, nem casamento...

A CÉLEBRE E CELEBRADA PRINCESA MARIA RATTAZZI, cuja raça ou fidalguia ou sangue azul ou vermelho ou amarelo—italiana, inglesa, espanhola?—ninguém sabe dizer qual seja, na carta dezanove do seu tam discutido livro *Portugal à vol d'oiseau*, dá-nos este trecho, que não deixa de ter a sua... psicologia interessante:

—É preciso estudar a-fundo Portugal para chegar a descobrir o motivo ou razões, que levam o govêrno a inscrever, nas verbas do orçamento nacional, um tam extraordinário gásto para sustentar tantos soldádos: duas causas o impelem.

Primeira e principal— a nenhuma simpatia ou aversão dos portugueses contra os espanhóis, a qual exige um exército assim numeroso para que assuste o vizinho e o conserve à respeitável distância.

Quando, em dias de paráda, brilham nas ruas de Lisboa milhares de espingardas, espadas e lâncas, e desfiliam centenas de cavalos, e as mulas puxam algumas peças de artilharia,—os indígenas experimentam uma grande tranqüilidade feliz, abençoam instintivamente o govêrno e ...adormecem convictos de que, se a Espanha ousasse arrebitar o...nariz, espetar-lhe-iam...um garfo e fritá-la-iam, em séguida, numa...grelha encandecente.

A segunda...—

Isto dito, passamos, como ponto de ligação, a um parágrafo em que não apresentamos coisas novas.

2—A revolução de Lisboa

EM tôdas as classes e por todos os logares, era geral o descontentamento contra a ominosa dominação espanhola.

As iniquidades e tropelias já não tinham cõnta nem limíte.

Tais e tantos eram os vexames que a tragédia tinha de acabar, e fatalmente!

Acabou...

Que duro e desgraçado cativoiro de 60 anos, anos que pareciam séculos, na ampulheta ou relógio do tempo!

A manhã de sábado, dia primeiro de Dezembro de 1640, era pura e alegre, embora fria.

Rebentou, ás 9 horas, a Revolução na cidade de Lisboa e os nobres Conjurados fizeram uma obra ou serviço rápido e limpo.

Duas balas obrigam o corregedor Francisco Soares de Albergaria a ficar sem...fála.

A uns golpes bem puxados não resiste o oficial-maior António Correia.

Diogo Garcês Palha...voou por uma janela fóra e partiu-se-lhe uma das pernas na calçada.

Ao infamíssimo Miguel de Vasconcelos—de nada lhe valeu o esconderijo no armário dos papéis: duas balas certeiras e justíssimas feriram-no na garganta é precipitado semi-morto por uma janela ..contra o seu cadáver vingam-se com loucura as muitas vítimas que, em vida, tanto oprimira... arrancam-lhe os olhos e os cabelos da cabeça e barba...arrastam-no... dilaceram-no!!!

Aparece João Pinto Ribeiro, que, sempre leal e nobre e austero, estranhou que se faltasse assim com a piedade cristã a um ...cadáver.

Por sua vez, a vice-raínya princesa Margarida, duquesa de Mântua, que, de verdade, era dotada de coragem varonil, tentou apaziguar ou conter os ânimos destemidos dos nobres Conjurados, que, cortesês, lhe pediram que... estivesse calada...

Mas... ela refilou.

Pouco faltou para se dar ali uma cena também trágica...

A Duquesa, reconhecendo o perigo em que estava, recolheu-se ao seu oratório, para...rezar.

O arcebispo de Lisboa dom Rodrigo da Cunha e os seus Cónegos e Beneficiados, na Sé, invocavam, para a santa causa da Pátria, a Protecção Divina.

O movimento político, nas ruas, já é conhecido do povo.

Com a cruz arquiépiscopal alçada na frente, organiza-se uma Procissão, que gira ou se encaminha para os Paços-do-Concelho, situados por de-trás da Igreja de Santo-António.

O padre Nicolau da Maia, com o crucifixo na mão esquerda e a adaga na mão direita, fala ao Povo. .

Ali, em clamor geral, a numerosa assistência pede ao seu Arcebispo que lhe dê, em nome de Jesus-Cristo, uma Bênção encorajadora.

Acaso ou artifício calculado, a mão direita da imagem do Crucificado desprega-se do seu crávo e, assim sôta e trémula e estendida, aprovou a... Independência dos Portugueses!!!

O delírio é colossal ..

O cortêjo soleníssimo chega, no meio de estrondosas aclamações, ao Terreiro-do-Paço.

Às onze horas da manhã, o serviço estava arrumado,

Naquele dia, os funcionários que entraram para as suas repartições, debaixo da lei de Filipe III, continuaram e acabaram o seu serviço ou despachos em nome de el-rei dom João IV!!!

Não foram cometidos mais abusos e, logo de tarde, se normalizou a vida da cidade de Lisboa, ouvindo-se os sinos de tôlas as igrejas tocar festivamente.

O castelo de Sam-Jorge foi rendido ou dêle tomou posse dom Álvaro de Abranches, no dia 2.

Os três galeões espanhóis, que estavam fundeados no rio Tejo, renderam-se no dia 3.

A duquesa de Mântua foi internada no palácio de Xabregas, mas, como abusasse, foi removida para o convento de Santos e ali lhe foi apertada a vigilância cautelosa.

Neste mesmo dia 3, a boa-nova estava em Vila-Viçosa e El-Rei dom João IV parte para Lisboa, onde chegou na madrugada do dia 6.

No dia 7, em Madrid tinham conhecimento da Revolução Portuguesa.

Sem receber ordens ou carta de Lisboa, a vila de Santarém foi o primeiro lugar que aclamou El-Rei e no dia 5.

Leiria imitou-a logo...

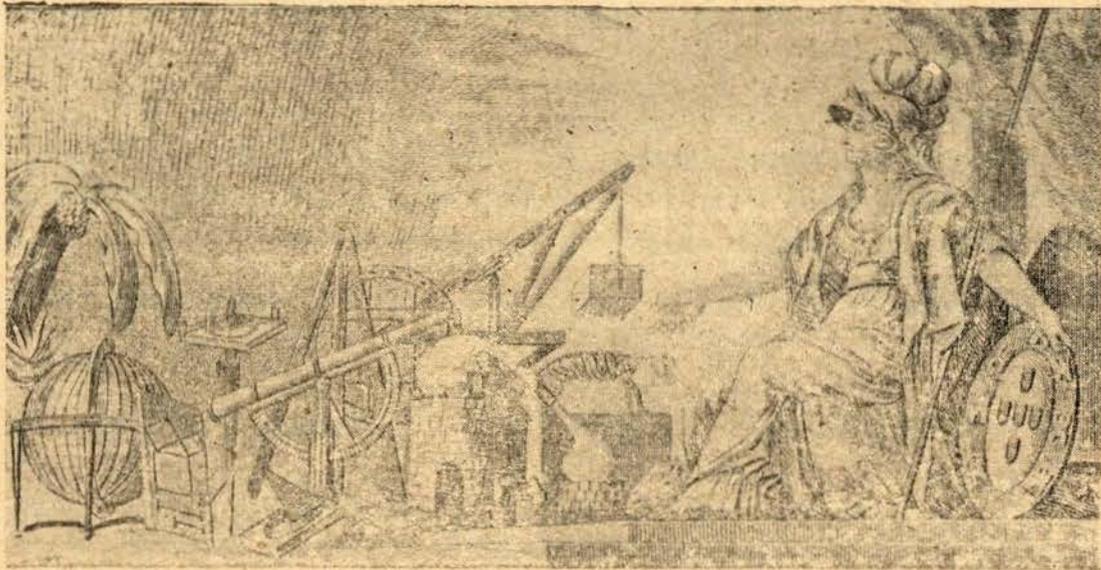
A notícia voou rápida até ao Minho, até ao Guadiana: Coimbra com os seus estudantes e lentes e clero e povo aclamou el-rei d. João IV no dia 6.

A cidade do Pôrto, no dia 8.

A 15 de Dezembro, dia da oitava da festa de Nossa Senhora da Conceição, é coroado El-Rei d. João IV, com muito brilho e aparatoso esplendor.

As resistências, a favor da Espanha, foram de pequeno valor e de fácil conquista, de sorte que, em menos de 17 dias, Portugal inteiro estava livre!!!

(Continua)

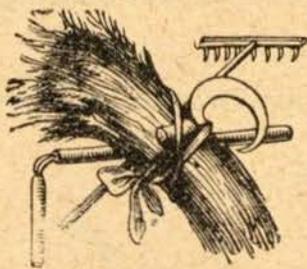


MISCELÂNEA

— DE —

**Apontamentos velhos e antigos—Impressões, comentários,
crítica—Nótas à margem & novidades**

Ruínas e...mais ruínas



A MORTE É O DESTÍNO CERTO QUE NOS ES-
pera a todos: não há uma excepção
natural...

Se o homem morre, também devem
morrer ou acabar as suas obras..

Não obstante, todos nós temos a cumprir
no Mundo e em ANGOLA a nossa missão...

No tempo presente; formamos aquele elo que une o tempo
passado com o tempo futuro: o homem egoísta é um vicioso, um
inútil, um parasita...

Acima das heranças materiais, estão as heranças morais e
lívicas e patrióticas, que os nossos ANTEPASSADOS nos legaram e
que tantos suores, tantos sacrifícios lhes custaram.

Dar pancada na herança que nossos Pais nos deixaram—não é, nunca foi, virtude, nem valor, nem hõra nenhuma; antes pelo contrário...

Fortalezas, igrejas, inscrições, logares de batálgas, manuscritos, viagens costeiras, viagens pelos rios e pelos sertões—são páginas, mas páginas brilhantes que legalmente atestam a Colonização Portuguesa de Angola, através dos tempos.

Recordar e ensinar a História é o que fazemos nesta revista.

Padre RUELA

VOCÁBULOS

(Cont. da página 90)

I—A'FRICA

ESTA region de los Griegos es llamada Lybia; de los Latinos—AFRICA, porque carece del rigor del frio; o (si creemos a Josepho) de uno que se llamava Afro y era de los descendientes de Abraham. Otra razon deste nombre hallaras en Jean Leon.

(*Theatro de la tierra universal*—de Abraham Ortélio, edição de 1588).

EM LATIM:

Theatrum Orbis Terrarum.—Haec regio Graecis Lybia dicitur, Latinis—AFRICA, quod frigoris regionate careat: aut (si Josepho credimus) ab Afro quodam ex Abrahae posteris. Aliam nominis rationem habes apud Joannem Leonem.

II—ANGOLA

CONSTRUÍU logo o forte de Sam-Paulo, fundou a primeira povoação e igreja em Luanda, no citeiro ou monte, ordenou as coisas do govêrno civil e intitulava-se (Paulo Dias de Novais) capitão e governador do novo Reino-de-Sebaste, na conquista da Etiópia, dando-lhe o nome de Sebaste em memória de El-Rei de Portugal. Este nome foi logo esquecido, como era de presumir, e o reino tomou o nome de ANGOLA, que era o de um rei do país, a cujas instâncias se tinha empreendido, ao princípio, aquele estabelecimento.

(CARDIAL SARAIVA—no *Índice Cronológico*)

III LUANDA

Ad Luandam insulam appulsus, Paulus Diasius Novasius urbem condidit futuram ditionis Lusitaniae sedem: ipsi nomen indidit à S. Paulo, tamen involuit Luanda, nomenclatura ex insula LUANDA. Conditata urbs, a Praefecto dicta de S. Paulo, quamvis hodie Luandae ab insula desumpto nomine fit notior.

(PADRE FRANCO—na *Sinopsis*)

Primeira viagem a Angola de Paulo Dias de Novais

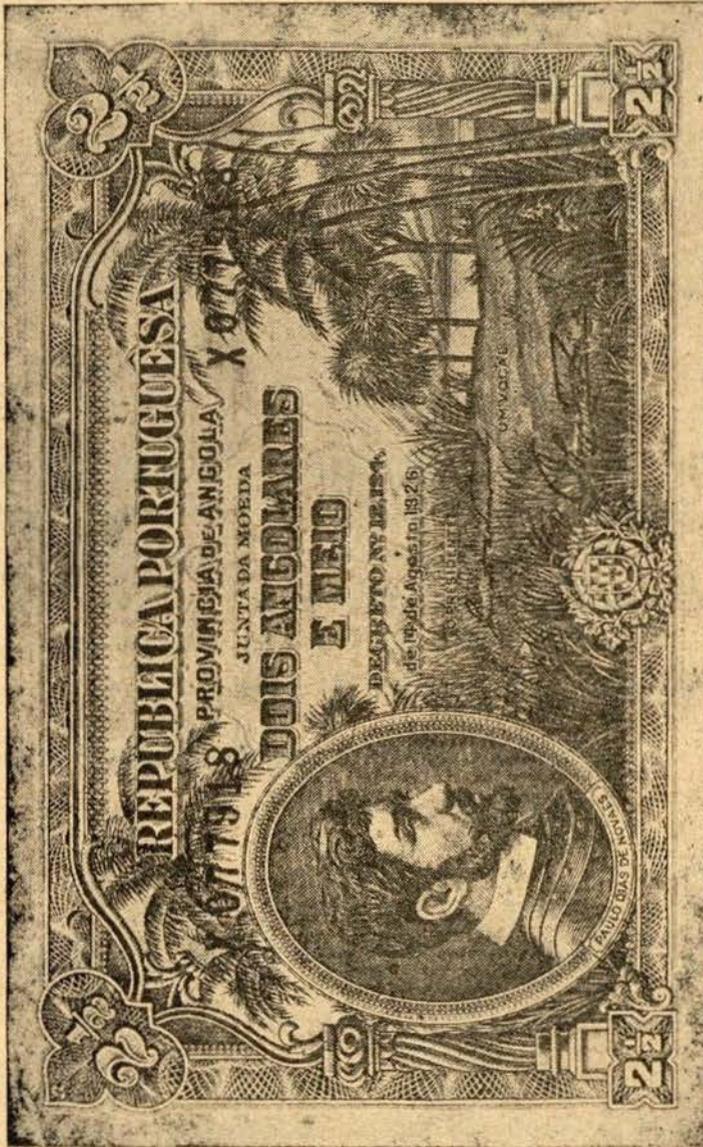
NA secção dos RESERVADOS da Biblioteca Nacional de Lisboa e na chamada Colecção-Pombalina, existe um livro manuscrito, com o número 647, cujo título ou lombada é o seguinte:—*Papel avulso de noticias manuscritas que tomavam os Senhores Reis de Portugal.*

Quando, há 4 anos, ali achamos estas informações preciosas de História-de-Angola, já não tínhamos tempo para investigar na Torre do-Tômbio o objecto das portarias e relação, que aqui estão citadas.

Fôlha 27.—*El-Rei de Congo se queixou a El-Rei do modo que Paulo Dias de Novais teve em se partir d'ele para o Reino-de-Angola:*

diz El-Rei que se injormará e fará o que for justiça; por carta sua feita em Lisboa a 23 de Agosto de 1560.

Fl. 27, verso.—Manda El-Rei a Paulo Dias de Novais com 4 Padres da Companhia-de-Jesus ao Rei-de-Angola: e, porque não tinha novas dêle, escreve ao Capitão da ilha de Sam-Tomé que o



Effigie de Paulo Dias de Novais nas nôtas de dois angolares e meio

avise: se tem algumas novas dêles e, tendo alguma necessidade, os socorra; por portaria de Luis Gonçalves, feita em Lisboa a 22 de Agosto de 1561.

Fl. 28.—Soube El-Rei como era chegado à Angola Paulo Dias de Novais, escudeiro fidalgo de sua casa, que mandava por embaixador àquele Rei, e assim 4 Padres da Companhia; encomendo-lhes: os favoreça muito e trate na matéria de sua salvação e de seus vassallos; por carta sua a El-Rei de Angola.

Fl. 29—Escreveu El-Rei ao Capitão de Sam-Tomé que, antes de responder aos

Embaixadores de El-Rei de Angola, soubera de sua morte; mandalhe se informe: se está o Rei, que lhe sucedeu, no propósito de ser cristão e aceitar Religiosos que lhe prèguem a Fé, para, com o que achar, despedir os Embaixadores e mandar com êles os Padres e embaixador particular; por portaria feita em Lisboa a 22 de Novembro de 1557; sobre a mesma matéria escreve El-Rei ao Bispo de Sam-Tomé, em 20 de Novembro do mesmo ano.

(Continua)

P. R.

Benguela-a-Velha

(Pôrto-Amboím)

(Continuação da página 92)

Assim que aviando-se de Luanda para a Conquista de Benguela, MANUEL CERVEIRA PEREIRA partiu para ela em 11 de Abril de 1617, com quatro navios e um patacho, nos quais trouxe 150 homens, com muitos mantimentos, munições e outros aprestos necessários para edificar a povoação.

Com esta armáda tomou o pôrto do môrro de BENGUELA-A-VELHA, aonde botou 80 homens, estando nêle três dias, e, como (não) achasse sítio suficiente para fazer a povoação, e achar o pôrto de mar ser mui perigoso para os navios, não quis ali fazer assênto e seguindo sua derróta pela costa, tomou algumas paragens donde havia povoações de pretos.

(*Memórias do Ultramar*—Fasc. III, p. 8).

Arquívio Municipal de Luanda

DOCUMENTO DE 1683

Aos dois dias do mês de Janeiro de mil e seis centos e oitenta e três anos, nesta Cidade de Sam-Paulo da Assunção do Reino de Angola, nas Cásas da Camara donde se faz Vereação, estando juntos os officiais, que o ano serve (*sic*), abaixo assinados, trataram do bem-comum, despachando Papéis e Petições. do que mandaram fazer este termo de Vereação, que assinam. E eu Pedro Machado

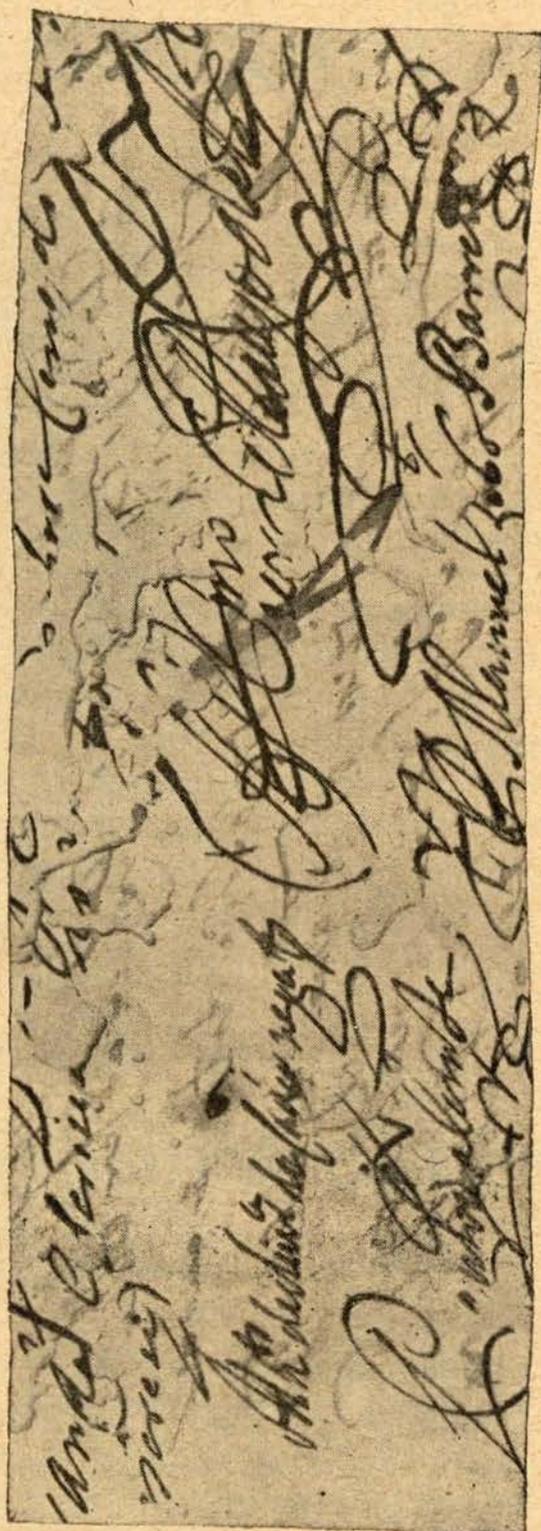
de Miranda, escrivão do muito nobre Senado da Camara, o escrevi. (a) António de Oliveira de Cadornega. (a) Paulo Valente. (a) António de Abreu. (a) Capitão Jerónimo de Araújo de Azevedo. (a) Manuel Lobo Barreto. (a) Tomé de Matos Leitão.

Nóta do p. R.—Como se vê, António de Oliveira de Cadornega foi presidente da Câmara Municipal de Luanda no ano de 1683. Antes, já fôra oficial ou vereador. Nos livros do Arquivo Municipal dêste tempo encontram-se a sua assinatura por completo e só a rúbrica CADORNEGA, o que nos serviu para identificar a caligrafia dos manuscritos das suas obras.

As lútas liberais, em Luanda

(Cont. da p. 96)

**Juramento de fidelidade
a el-rei dom Miguel I,
que o Clero de Luanda
prestou no dia 6 de
Novembro de 1828**



«Fac-simile» das assinaturas ou parte final dêste documento

Registo do auto de juramento de fidelidade ao muito Alto e Poderoso Rei de Portugal, o Senhor dom Miguel primeiro

cujo juramento prestou o Clero do Bispado de Angola, que é o seguinte:—Auto de juramento de fidelidade à sua Majestade Fidelíssima, o muito Alto e Poderoso Rei de Portugal Dom Miguel.—Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, aos seis dias de Novembro, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora dos Remédios desta Cidade, que serve interinamente de Catedral, na Casa-Capitular, e tando presente o Reverendo Deão e Vigário-Capitular dêste Bispado—Leonardo José Vilela e mais Eclesiásticos residentes nesta Cidade, ali pelo dito Deão e Vigário-Capitular foi deferido o Juramento de FIDELIDADE ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom Miguel primeiro, Rei de Portugal, aos Eclesiásticos abaixo assinados, os quais de sua livre vontade e sem coacção alguma, em voz clara e inteligivel, na presença de todos, cada um de per si fez o seu juramento na fôrma seguinte:—*Juro fidelidade à sua Majestade Fidelíssima o muito Alto e Poderoso Rei de Portugal Dom Miguel Primeiro.*—

Para que a todo o tempo conste, mandou o mesmo Reverendo Deão e Vigário-Capitular lavrar o presente Auto que eu, *Manuel José Fernandes*, clérigo minorista e escrivão da Câmara Eclesiástica, escrevi. (aa) *Vilela*, Deão e Vigário-Capitular. *António Ferreira de Almeida*. *Cosme de Lemos*. *António Ferreira de Azevedo*. *Domingos Pereira da Silva Sardinha*. *Bernardo José Pinheiro*. *Joaquim Lopes da Costa*. *Manuel José Fernandes*. *Matias José Rebelo*. *Mannel da Rocha Pinto*. *Filipe Néri dos Santos*. *Manuel Monteiro de Moraes*. *António José de Carvalho*. *Tomás de Aquino Pinheiro Falcão*. *Francisco de Assis de Andrade*. *José Moreira da Silva*. *António Faustino Pinheiro Falcão*. *Faustino Dias de Andrade*. *Domingos Francisco de Paula Freire*. *Joaquim Manuel Escórcio*. *João Mençores Peres*. *Bartholomeu Francisco da Cúnha*. *Manuel da Paixão*. *José Nunes da Costa*. *Bernardino Nogueira de Andrade*. *Manuel do Sacramento e Sousa*. *Joaquim José Valdez*. *Alvaro Lopes da Costa*. *Alvaro Augusto de Andrade*. *João Caitano Pestana*.

E nada mais se continha no dito Auto, que bem e fielmente aqui fica registado, para constar. LUANDA, 7 de Novembro de 1828. *Manuel José Fernandes*, escrivão da Câmara Eclesiástica.

(Livro número 17, à fôlha 9, verso)

Nótas do p. R.—Porque são mui significativas, vamos aqui dar duas nótas, que se encontram à margem dêste assêto:—«Tranque-se e cancele-se o registo *infra*, por incompetente e ilegal e seja o Escrivão do Registo advertido para não registar simples papéis, sem expressa ordem. LUANDA, 3 de Dezembro de 1828.—Patrício, Pro-Vigário-Capitular». Depois a seguir vem ou está:—«Este Juramento foi riscado por ser do tempo do Usurpador. ANAPAZ, escrivão do Registo da Cãm. Ec.»—

O CÓNEGO VILELA

Porque representou nesta ocasião ou época um papel muito importante, nas lútas políticas, vamos dar algumas informações aqui do cónego Leonardo José Vilela, que era brasileiro :

—A 27 de Novembro de 1828, o Vigário Capitular Leonardo José Vilela participa que se vai ausentar para um dos pórtos do Brasil, para tratar de sua saúde.

—A 29 de Novembro, foi eleito Pro-Vigário Capitular Manuel Patrício Correia de Castro, cónego prebendado da Igreja Catedral dêste Bispádo.

(*Livro de Provisões e Portarias, número 20, da Câm. Ecl., à f. 12, verso.*)

Nóta do p. R.—Em verdade, as exortações pastorais, que o pro-Vigário-Capitular Patrício de Castro dirigiu ao clero diocesano, estão muito bem feitas, com teologia e direito. Tivemos ocasião de as ler e apreciar no arquivo de Muxima, onde estão copiadas.

—A 21 de Setembro de 1832, o Cabido de Luanda fica ciente de que, em 1831, El-Rei *Dom Miguel I, que Deus guarde, foi servido nomear vigário-capitular dêste Bispádo ao muito Revdo. Cónego Marcelino José de Campos.*

(Livro citado, à f. 32)

—Aos 13 de Janeiro de 1834, *Sua Magestade Imperial o Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha Dona Maria II, passa carta de Governador temporal e visittador geral do Bispádo de Angola ao Revdo. Deão Leonardo José Vilela.*

(Fol. 32, v)

(*Continua*)

P. R.

História da Questão Colonial em Portugal

Temos aqui, na nossa modesta estante, o livro—*Histoire de la Question Coloniale en France*—de Léon DESCHAMPS, cujos ensinamentos históricos e filosóficos muita luz nos têm dado nos nossos estudos actuais.

Portugal, sem comparação, tem uma história colonial superior à francesa.

Superior em factos, mas inferior em livros.

Eis aqui um trecho do livro referido, publicado em 1891 :

—*Notre travail aspire à donner une solution raisonnée et documentaire à ces problèmes historiques et politiques, qui ont été le plus souvent livrés en pâture à l'ignorance ou au parti pris.*

¿Les Français ont-ils le goût de la colonisation?

¿En ont-ils le génie?

¿L'action coloniale de la France s'est-elle faite avec ou contre le sentiment national?

Si les colonies ont été en désaveur, ¿quand et pour quelles causes s'est-elle manifestée?

Tout le monde s'est posé ces questions. Si nous y répondons, peut-être estimera-t-on que nous n'avons pas perdu notre peine.

Não obstante a nossa revista *Diogo-Cão* ser tam somente um arquivo morto, nós também consagramos algumas horas ou cuidado literário às questões...vivas ou actuais.

O livro de DESCHAMPS está dividido em três ÉPOCAS, e, em cada época, o seu autor estuda a *acção*, o *interêsse*, e a *discussão*.

Repetimos: os seus ensinamentos históricos e filosóficos e coloniais são preciosíssimos e de uma aplicação concreta em Portugal.

P. R.

O explorador Duarte Lopes, no Congo

Era Duarte Lopes natural de Benavente e veio para Angola em 1578 e por aqui viajou até 1590. Porque tivesse morrido em viagem o embaixador Sebastião da Costa, que el-rei de Congo dom

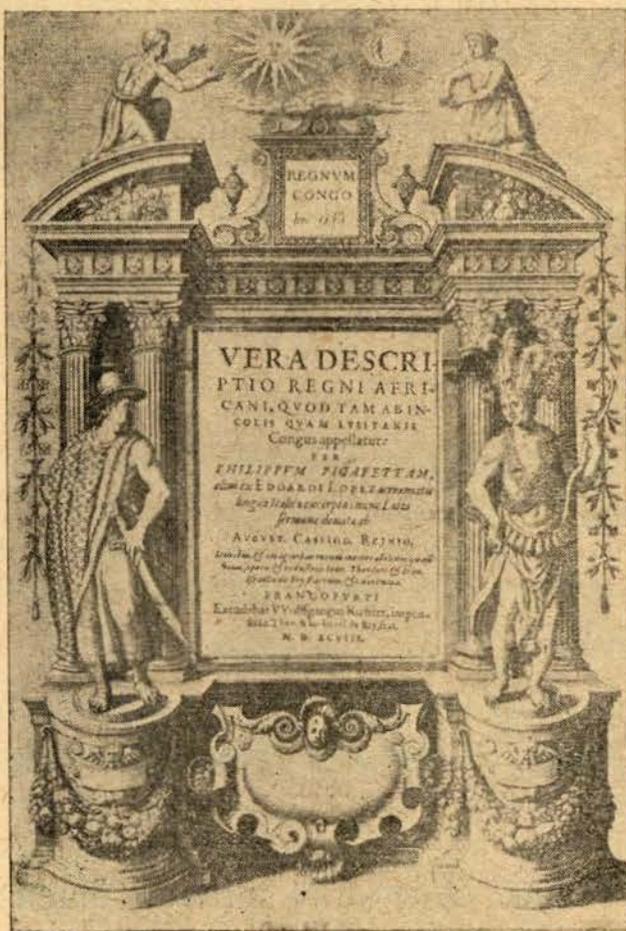
Álvaro II mandara a Portugal e à Roma, foi então escolhido Duarte Lopes para êste serviço.

Filipe I ou II estava ocupado com a expedição contra Inglaterra e, por isso, não atendeu ao embaixador do rei de Congo.

Duarte Lopes seguiu para Roma, onde não foi mais feliz com o pápa Sixto V:

Il en reçut pour toute réponse que, le Congo appartenant à la couronne d'Espagne, c'était à elle de s'occuper de cette affaire.

Da narração ou descrição mui curiosa que Duarte Lopes ditou, por convíte do bíspo António Miglio-



«Fac-simile» da edição latina

re, a Filipe Pigafetta, conhecemos edições em italiano, latim, alemão, inglês e francês. Nós...ainda não temos a nossa, anotada e crítica.

Sabemos que um padre belga achou, nos arquivos do Vaticano, as instrucções que Duarte Lopes levava ou em que fazia os pedidos de dom Alvaro II ao Pontífice.

Havemos de averiguar, um dia, isto melhor.

P. R.

Azeite e Vinho de Palma

Há também muitos palmares frescos e fermosos, os quaes são muito proveitosos; não dão côcos como os de Sam Tomé, mas umas pinhas, que cada uma carrega bem uma pessoa.

Destas pinhas se mantem ordinariamente muita gente baixa e se faz muito azeite, o qual, depois de cozido, não lembra o do Reino e serve para muitas coisas, como serve no Reino.

Também destas palmeiras tiram grande quantidade de vinho e é tam bom para o estômago que, como nos acostumamos a êle, enjeitamos o de Portugal por êle, mas, como passa de dois dias, faz-se vinagre, o qual também nos serve e arremeda o agraço das uvas.

(*Duma carta do padre jesuíta DIOGO DA COSTA, com data de 31-Maio-1586*).

Nóta do p. R.—Nas relações dos antigos missionários não faltam respigos sôbre flora e fauna angolanas. A história natural da Angola-Menina é um capítulo de nossos estudos, que por vários e justos motivos, é cheio de curiosidade científica; hão de ver...

Sindicância ao gov. Paulo Dias de Novais

Morreu Paulo Dias em nove de Maio de 1589 e, de 1590 a 1591, esteve em Luanda o licenciado Domingos de Abreu de Brito, que levantou o inquérito ou fez a respectiva inspecção à vida administrativa e económica da Colónia de Angola: o seu relatório mui importante, que existe manuscrito na Biblioteca Nacional de Lisboa, acaba de ser impresso, em Coímbra, devido aos bons cuidados do sr. cl. Alfredo de Albuquerque Felner, também um decidido e apaixonado cultor da nossa história colonial.

O sr. cl. Felner dá ali uma introdução tam erudita quam concreta.

P. R.

Com a licença da Autoridade Eclesiástica

Visado pela Comissão de Censura

COMPOSTO E IMPRESSO
na TIPOGRAFIA MINERVA
* LUANDA *

Com muito prazer e natural interêsse acabamos de receber o primeiro número desta revista de assuntos históricos de Angola, publicada pelo culto e infatigável investigador Padre Manuel Ruela Pombo.

Ninguém melhor que o erudito escritor para exumar do pó dos arquivos... e do esquecimento o que respeita à história da ocupação e da civilização dêste vasto domínio, tendo em mira, como diz no seu programa-tese, com essas investigações, acabar com mistérios, decifrar enigmas, destringendo os factos e esclarecendo responsabilidades físicas e morais dos seus agentes ou autores.

Revista para estudiosos e mesmo para simples curiosos do passado, é um relevante serviço prestado pelo Padre Ruela a esta Angola, que, debatendo-se na dúvida torturante do presente, desconhece quasi completamente tudo que respeita ao seu passado.

E, como magistralmente disse dom Francisco Manuel de Melo—*O mais honesto fim da História não é somente deleitar com a relação dos sucessos mas fazer deles lição para os vindouros*—a leitura do que na *Diogo-Cão* se escrever, será uma lição fecunda e proveitosa.

Para se avaliar, de relance, da importância dos assuntos tratados, damos a seguir o sumário dêste número:—*Diogo Cão e os 4 padrões—Fortalezas de Luanda—Catálogo dos Governadores de Angola—Monumentos & Arquivos—História Eclesiástica—Medicina Tropical—Juramento da Constituição, em Luanda, pelo Clero, a 19 de Junho de 1823.*

Agradecendo o exemplar oferecido e retribuindo os amáveis cumprimentos que o seu illustre Director dirige a êste jornal, ficamos aguardando a publicação dos seguintes números, onde muito teremos que aprender e, através dos quais: ficaremos conhecendo, à luz de documentos, a história autêntica de Angola.

(De c—*Noticias da Huila*—de 29 de Março de 1932).

(Continua)

Petipé . . . literário

- I)—A revista ilustrada *Diogo-Cão*, de vários o variados assuntos velhos e antigos angolanos, contém nas suas páginas *material* sôbre :

HISTÓRIA

GEOGRAFIA,

COMÉRCIO,

CIVILIZAÇÃO,

ARTE,

ETNOGRAFIA E

CRÍTICA.

- II)—Tôda a *colaboração*. tanto a literária como a artística, é solicitada ou pedida directamente por nós.
- III)—Os artigos ou trabalhos assinados são da absoluta *responsabilidade* de seus *autores*.
- IV)—Não são permitidas *polémicas* de carácter pessoal ou individual.
- V)—A revista *Diogo-Cão* publica-se em *séries* de 10 números, tendo cada um, pelo menos, 32 páginas.